

**EM
MAUS
LENCÓIS**

TOM VITALE

MUNDO AFORA E NOS BASTIDORES COM

ANTHONY BOURDAIN

Tradução
Renato Marques

TORDESILHAS

SUMÁRIO

Nota do autor 9

PARTE 1

- Capítulo 1* Depois 13
Capítulo 2 Prontos para o horário nobre 25
Capítulo 3 Aperitivo 49
Capítulo 4 No coração das trevas 65
Capítulo 5 Sinais de que você faz parte de uma seita 91
Capítulo 6 Mate seus queridinhos 105

PARTE 2

- Capítulo 7* Ambiente de alto risco 127
Capítulo 8 Objetos reluzentes 165
Capítulo 9 Fama 171
Capítulo 10 Jamaica doidona 183
Capítulo 11 Filmando pesadelos 211
Capítulo 12 A princesa e o plebeu 221

PARTE 3

- Capítulo 13* O americano tranquilo 235
Capítulo 14 Brincando com a comida 251
Capítulo 15 Conversas refinadas à mesa do jantar 269
Capítulo 16 Carma 277

Epílogo 291

Agradecimentos 295

PARTE 1

AMOSTRA

CAPÍTULO 1: DEPOIS

No dia 8 de junho de 2018, acordei às cinco da manhã ao som do meu celular e do meu telefone fixo tocando ao mesmo tempo. Era Chris, dono da produtora. Com a voz embargada, ele disse: “Tom, eu sinto muito... o Tony se matou ontem à noite...”.

Desliguei sem conseguir entender direito as palavras que ele tinha acabado de pronunciar. Horas antes, Tony me enviara um e-mail de rotina sobre a edição de um episódio do programa que estávamos terminando de fazer; tinha confirmado um horário marcado para cortar o cabelo, já que dali a alguns dias partiríamos para a Índia. Quando eu o vi na semana anterior para uma sessão de narrações em *off*, ele estava de bom humor, me chamou para fumar no banheiro masculino. “O que eles vão fazer? Me demitir?”, ele brincou.

Aos tropeços, me arrastei até a sala, liguei a tv, e lá estava o rosto sorridente de Tony junto com a legenda da manchete incongruente: “Anthony Bourdain, apresentador da CNN, morre aos 61 anos”. Com as mãos trêmulas, acendi um cigarro, liguei para Josh, o produtor que viajara com Tony para a França, e perguntei o que diabos estava acontecendo.

“O Tony se foi”, Josh disse em meio às lágrimas. “Ele se enforcou; estamos no avião a caminho do aeroporto JFK.”

A sala começou a girar. Tony era uma figura hiperbólica, descomunal. Sobre-humana. Aquilo não podia estar acontecendo, mas de alguma forma estava.

“Vou me enforçar no boxe do chuveiro” era uma das piadas mais antigas do repertório de Tony, o tipo de humor sombrio a que ele era capaz de

recorrer em qualquer ocasião que considerasse ligeiramente desconfortável ou desagradável. Tipo: “Meu quarto de hotel é tão horrível e chinfrim que me dá vontade de me enforcar no boxe do chuveiro, isso se o varão daquela cortina vagabunda não desmoronar com o peso do meu corpo”. Quando ele dizia esse tipo de coisa, sempre surgia um sorriso em meu rosto.

Não havia ninguém como ele. Um renegado que largou a faculdade, Tony tinha a língua afiada e ferina, era um antiapresentador de programas de TV, a celebridade acidental por excelência, uma voz honesta em um ambiente sentimentalóide e açucarado, um cara indomável do tipo “vou fazer o que me der na cabeça e foda-se”. Deus me livre quando o canal realizava reuniões de “grupo de foco” para discutir ideias; Tony instintivamente ia na direção contrária. Mas o que quer que ele estivesse fazendo, estava funcionando. Tony havia se transformado de chef a escritor, e depois em uma personalidade da televisão, por fim amadurecendo para se tornar algo que se assemelhava a um estadista mais velho, ao mesmo tempo que mantinha uma postura de ícone contracultural, um punk casca-grossa e pé no chão da cidade de Nova York.

Começando a vida como o filho bastardo ruivo do canal culinário Food Network – com baixo orçamento e uma temática quase exclusivamente voltada para comida e viagens –, o programa se metamorfoseou em uma bizarra mistura geopolítica e cinematográfica que venceu o Emmy pela CNN.* Tony constantemente pensava mais alto. A cada temporada, dava um passo adiante, aos poucos rumando para destinos menos tradicionais (e quase sempre mais arriscados). Para nós que trabalhávamos na produção, Tony não era apenas a pessoa que dava nome ao programa – ele era um amigo, um mentor e muito mais.

* A carreira televisiva de Anthony Bourdain começou com *A Cook's Tour*, transmitido pelo canal Food Network entre 2002 e 2003; ao migrar para o Travel Channel, o programa foi rebatizado como *Anthony Bourdain: No Reservations* (exibido no Brasil como *Sem reservas*) e teve nove temporadas (2005-2012); no mesmo canal, apresentou a série derivada *The Layover* (composta de vinte episódios, exibida no Brasil como *Fazendo escala*, 2011-2013); Tony se transferiu para a CNN em abril de 2013, com o programa *Parts Unknown* (exibido no Brasil como *Lugares desconhecidos*). Além disso, participou como apresentador e jurado do reality show *The Taste*, transmitido entre 2013 e 2015 pela rede norte-americana ABC. (N. T.)

Eu não fazia ideia de quem Tony era quando – lá em 2002, recém-saído da faculdade – consegui um emprego em seu primeiro programa de TV, *A Cook's Tour [Um cozinheiro em viagem]*. Na época, Tony também era um novato na televisão. O sucesso surpreendente de seu livro *Cozinha confidencial*,* em que desmascara e devassa os bastidores e entranhas do ramo dos restaurantes, rendeu a ele um contrato com o Food Network. Tony ainda não era famoso, pelo menos não com o mesmo nível de fama das personalidades da TV que as pessoas reconheciam na rua. Bondain, Bonclair – naquela época todo mundo se confundia e pronunciava errado o nome dele.

Meu cargo oficial era “assistente de sala de edição”, um nome mais chique para a função de *logger*, ou “registrador”, o que significava que eu fazia anotações e registros no material bruto das filmagens para os editores.** Era uma função de iniciante, mas fiquei eletrizado por ter arranjado com tanta rapidez um emprego na indústria de cinema e televisão. Fiquei viciado logo na primeira fita. Lembro-me de assistir a uma briga de Tony com o produtor por conta de uma tomada para registrar a entrada dele em um bar praiano na ilha caribenha de Saint Martin.

“Esse tipo de cena é totalmente convencional, cara, liberte sua mente”, Tony disse em um arremedo de falsete hippie. Mas perdeu a calma quando o produtor cometeu o erro de lhe pedir que repetisse pela terceira vez a cena da caminhada para entrar no bar. “Ai, meu Deus! Por que esse seu crânio duro e minúsculo de dinossauro não consegue entender?!” Tony berrou. “Filme as crianças brincando nos barcos de pesca, as ondas ou a porra de uma palmeira, pelo amor de Deus! Literalmente, *qualquer outra coisa* aqui seria uma introdução melhor e mais interessante do que minha bunda ossuda!”

Tony tinha a natural qualidade de ser bonito na tela, sua telegenia era uma inequívoca mistura de charme e carisma típica dos astros do cinema e da TV; isso era evidente. Mais fascinante ainda, no entanto, era sua relação conflituosa e antagonica, combativa e despreocupada, com a própria máquina que criou a sua fama. Quanto mais Tony se esquivava da câmera, mais eu queria olhar para ele. Não que gostasse de vê-lo sofrer e se sentir desconfortável; mesmo encurralado, ele era igualmente espirituoso e sarcástico.

* BOURDAIN, A. *Cozinha confidencial (Kitchen Confidential)*. Tradução de Beth Vieira e Alexandre Boide. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (N. T.)

** O *logger* é o profissional responsável pelo conteúdo produzido pelas câmeras, acompanhando o processo desde a captação das imagens e seu armazenamento em cartões de memória até a transferência para a finalização na ilha de edição. (N. T.)

Além de fazer anotações e registros nas fitas, minhas responsabilidades profissionais incluíam realizar qualquer outra coisa que me pedissem. Buscar a roupa na lavanderia para o produtor, fabricar adereços para um falso infomercial e, vez ou outra, auxiliar na pesquisa para as filmagens vindouras. Não tive que esperar muito tempo para ser incumbido daquela que seria a minha tarefa mais emocionante até então. Quando soube que o copião do episódio de Saint Martin em que eu vinha trabalhando precisava ser levado ao apartamento de Tony, agarrei a oportunidade. Ingênuo, impressionável, com 22 anos de idade e desesperado para causar uma boa impressão, passei a corrida de táxi inteira segurando com força aquela fita VHS, por precaução, enquanto nervosamente ensaiava em minha cabeça o que eu tinha a esperança de ser algo inteligente para dizer.

Chegando ao endereço de Tony, em um prédio sem elevador no bairro de Morningside Heights, em Manhattan, respirei fundo, mas antes mesmo que eu batesse, a porta se abriu. Lá estava ele, descalço, vestindo uma camiseta preta dos Ramones com as mangas cortadas, um visual idêntico ao da TV. Tony nem sequer olhou para mim; em vez disso, arrancou a fita da minha mão estendida, e antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra, bateu com força a porta na minha cara. Apesar da pouco auspiciosa primeira impressão, trabalhei e fui galgando posições até que, no fim das contas, produzi e dirigi quase cem episódios de programas com Tony. No processo, viajei para mais de cinquenta países e ganhei nove prêmios Emmy. Era praticamente a definição de um emprego dos sonhos.

No papel, eu teria parecido um candidato improvável: tímido, avesso a aparecer diante das câmeras, medroso, com um desesperado pavor de viajar de avião, de conhecer gente nova, de comida com ossos e de coisas com escamas. Por exemplo, cobras e peixes. Sim, peixes. No entanto, de alguma forma acabei por passar toda a minha vida adulta trabalhando nas quatro encarnações do “diário de viagem” de Tony, um programa em constante evolução, a bordo de incontáveis teco-tecos capengas e de aeronavegabilidade questionável, visitando quase todos os rincões infestados de cobras do planeta, conhecendo pessoas, muitas vezes em algum tipo de churrasco envolvendo costelas ou uma extravagante fartura de frutos do mar. Embora o trabalho exigisse a frequente exposição a todo o rol de minhas fobias documentadas (e tenha adicionado algumas novas à lista), todas as insanas aventuras de que participei deram uma surra na noção de trabalhar em troca de um salário. Eu tinha a sensação de que meu trabalho era como fugir da

cidade com o circo; percebi que, até então, tinha levado uma vida simplória, quase como se estivesse em preto e branco.

Na infância e adolescência, minha irmã Katie e eu não nos cansávamos de assistir ao clássico *O mágico de Oz* em uma velha e surrada fita de vhs. Era meu filme favorito, apesar do meu problema com o fim. Trinta anos depois e eu ainda não conseguia enfiar na cabeça que uma pessoa escolheria voltar para o Kansas depois de ter sentido na pele a experiência de viver em Oz em Technicolor. Para mim, as viagens causavam essa mesma sensação: ser transportado por meio de um tornado mecânico para viver aventuras em terras coloridas, pitorescas, inacreditáveis, às vezes assustadoras. Eu não me preocupava com o retorno à vida em preto e branco porque as viagens para Oz não terminavam, e Tony era o mágico. Só que melhor. Ele era um impostor com um poder sobrenatural de controlar as forças da natureza e alterar a realidade. Todos os lugares deslumbrantes aos quais íamos me pareciam um cenário apropriado para a pessoa mais fascinante que já conheci.

Isso não quer dizer que o trabalho era um mar de rosas ou como dançar sapateado sob a luz do sol ao longo de uma estradinha de tijolos amarelos, mas eu funcionava bem sob pressão e achava viciante a intensidade do que fazíamos acontecendo no estilo pronto-socorro. Creio que, de certa forma, a coisa toda deu um propósito à minha vida. Embora não ousasse admitir, no fundo eu era o fã número um de Tony. O que era uma posição meio precária de se ocupar, porque ele realmente detestava adoração e adulação. Todavia, com o passar dos anos eu me tornei craque em racionalizar uma série de contradições que, à primeira vista, eram mutuamente exclusivas.

“Como faço para conseguir um emprego como o seu?” é algo que perguntam para você o tempo todo quando seu ganha-pão é viajar mundo afora. Mais ou menos umas cinco vezes por ano eu fazia o tipo de viagem que muitas pessoas precisariam trabalhar a vida inteira para ter a oportunidade de fazer pelo menos uma vez. Para quem vê do lado de fora, pareciam férias com todas as despesas pagas – e de várias maneiras eram mesmo –, mas assistir ao programa não tinha nada a ver com *viver* o programa. Apesar de toda a simplicidade externa do conceito – eu e uma equipe de filmagem seguíamos Tony pelo mundo enquanto ele basicamente fazia o que lhe dava na telha –, a bem da verdade as coisas eram bastante complicadas nos bastidores. A partir do momento em que assumi a função de diretor, “apenas mais um dia qualquer no escritório” passou a incluir uma série de frenéticas responsabilidades das mais variadas, dependendo da hora do dia, do tipo de cena, do país, do humor de

Tony ou até mesmo da presença de ventos soprando na direção contrária. Isso me mantinha em estado de alerta e exigia de mim um estômago forte, uma tremenda quantidade de planejamento, negociação, bajulação e improvisação fora das câmeras. De maneira geral, cada cena significava literalmente sangue, suor, lágrimas e fazer tudo – absolutamente tudo – o que fosse necessário para obter os melhores resultados. Em meio a travessuras e escapadelas de alta octanagem em locais remotos, contornando constantes campos minados de “incidentes internacionais”, sem mencionar inúmeras outras complicações inerentes ao trabalho em ambientes novos e desconhecidos a cada episódio, meu cargo exigia ser parte diplomata, parte líder trabalhista e parte fura-greve. Ah, e como eu era o diretor, em última análise, o sucesso ou o fracasso criativo do programa recaía sobre os meus ombros.

Frequentemente trabalhávamos em países em situação política instável, ou que eram completamente hostis. Todos os anos participávamos de um curso de treinamento de sobrevivência em ambientes perigosos, que incluía exercícios de negociação em postos de controle de fronteiras e capacitação para crises envolvendo reféns. Era fato notório que, nos países comunistas, a equipe de produção seria seguida e monitorada por agentes do governo; em outros países, seria assediada pelos órgãos de turismo. Eu me vi em um bocado de posições moralmente duvidosas quando nossos objetivos entravam em desacordo com os moradores locais que nos ajudavam a fazer o programa; na verdade, às vezes nossa simples presença podia colocar em perigo a vida dessas pessoas.

Pelo menos no começo, eu não percebia que – ou não dava a mínima para – ter “o melhor emprego do mundo” poderia ser algo exaustivo, estimulante em excesso, moralmente desgastante e causador de isolamento. Fui uma criança quieta e sem muitos amigos, então fazer parte da tripulação pirata de Tony era uma tentação atraente, para dizer o mínimo. Mas viajar a trabalho é uma atividade muito mais solitária do que se imagina, especialmente quando você volta para casa. Francamente, a coisa toda era um estupro mental. Tenho plena consciência de que muitas pessoas matariam para enfrentar esse tipo de problema, mas não tenho certeza se o cérebro humano foi projetado para lidar com uma sucessão tão rápida de experiências e emoções tão extremas. Para mim – bem como para Tony e outros membros de longa data da equipe –, cada vez mais o programa parecia uma viagem só de ida para a insanidade. No fim, o trabalho estava cobrando um enorme preço em termos pessoais, físicos e emocionais, e aparentemente não havia meios de escapar, mesmo que

eu quisesse. Mas quem poderia abrir mão de um emprego como esse? Quem é que, estando do lado de fora, seria capaz pelo menos de entender?

Assim que notícia da morte de Tony foi divulgada, não demorou muito para que as condolências começassem a chegar, uma avalanche de mensagens de todas as pessoas que eu conhecia, bem como de um número considerável de gente que eu não conhecia. Quando meu ícone de novas mensagens piscou para indicar que eu tinha recebido mais de cem, desliguei meu celular.

Nessa tarde, fui para o escritório da nossa produtora, perto da região de Herald Square. A entrada, nova e imponente, emoldurava uma impressionante escadaria de aço flutuante ao estilo das lojas da Apple, e a luz das janelas do edifício de dois andares se refletia nos pisos de concreto muito lustrosos. O balcão da recepção estava vazio, e eu nunca tinha ouvido um silêncio tão palpável no local. Havia o zumbido distante do tráfego do centro da cidade, e de algum canto no corredor cujas paredes estavam forradas com cartazes emoldurados de Tony, dava para escutar o repetitivo *uirshch* de uma fragmentadora de papel. A Zero Point Zero, ou ZPZ, como todos a chamavam, foi crescendo ao longo dos anos à medida que a empresa se ramificou e se diversificou para produzir outros programas centrados em comida e viagens, e recentemente havia concluído um ambicioso projeto de expansão e renovação. Agora contava com uma equipe de cerca de 75 pessoas, incluindo departamentos completos de equipamentos, contabilidade e administração, além de inúmeras outras mudanças. Mas Chris Collins e Lydia Tenaglia, o casal que trabalhava com Tony desde os tempos de *A Cook's Tour* e posteriormente criou a ZPZ, ainda estava no comando. Eu me detive do outro lado do átrio e fiquei olhando para eles na sala de reuniões estilo aquário no andar de cima. As paredes de vidro laminado faziam um bom trabalho de isolamento acústico, mas, ao ver Chris andar de um lado para o outro e Lydia com a cabeça enterrada entre as mãos, deu para imaginar o que estava sendo discutido.

“Meu pai se matou no ano passado”, uma voz atrás de mim disse. Assustado, virei-me e dei de cara com um sujeito chamado Austin, que fazia a manutenção dos computadores e era a única pessoa no escritório que sabia operar a máquina de café expresso. “Meu pai era mais ou menos da idade do Tony, tinha um bom emprego, era muito respeitado na cidade em que nasci.”

“Sinto muito, eu não sabia”, eu disse.

“Vai ficar mais difícil. Esta é a parte fácil, quando todo mundo está junto, todo mundo sofrendo o luto ao mesmo tempo. Mas, daqui a alguns meses, assim que cada um seguir o seu próprio caminho, a vida vai se acomodar em uma rotina normal – só que você não vai se sentir normal, e é aí que realmente vai ser uma merda.”

A ficha ainda não tinha caído, eu ainda não havia absorvido o peso das coisas, e alguma parte de mim queria que continuasse assim. Ao ouvir as palavras de Austin, eu me enrijei de tensão; não gostei da maneira como ele estava falando comigo, como se agora fizessemos parte do mesmo clube da tristeza. Naquele momento havia apenas um pequeno grupo de pessoas perto das quais eu queria estar, e sabia exatamente onde encontrá-las.

Juntamente com grande parte da equipe de produção que acompanhava Tony na estrada, eu me instalei em um bar próximo à sede da produtora – ao qual jocosamente nos referíamos como o nosso escritório de Nova York – e embarcamos em um velório irlandês que durou uma semana inteira. Imperava um estado geral de intemperança e incredulidade encharcada a álcool.

“Quando Tony acordar amanhã, vai se arrepender do que fez ontem à noite”, recitei entre doses duplas de Johnnie Walker Black com um pingo de Coca-Cola. Havia confusão, soluços de choro e raiva também.

“Porra, a gente arriscava a nossa vida fazendo aquele programa”, alguém disse com voz arrastada. “E vocês acham que o Tony sabia o nome dos nossos filhos?”

“Como ele pôde fazer isso com a filha dele, a menina só tem onze anos”, veio outra queixa.

“Isso é tudo culpa da Asia, ela matou o Tony, porra”, era uma opinião bastante popular.

O nome Asia Argento foi mencionado muitas vezes nessa primeira noite. Tony tinha começado a namorar a bela e misteriosa atriz italiana depois da nossa filmagem em Roma, dois anos antes. Era um relacionamento ardente e volátil, repleto de idas e vindas e altos e baixos, que supostamente terminara de uma vez por todas alguns dias antes, quando vieram à tona fotos de paparazzi mostrando Asia com outro homem. E logo em seguida Tony se matou.

Não fazia sentido. Entabulei uma ladainha de “últimas”. A última cena que filmei com Tony na Indonésia algumas semanas antes. A ocasião em que tivemos nossa última “conversa de verdade” naquele dia. A última vez que nos falamos foi durante uma sessão de narração em *off* no mesmo dia em que ele embarcou para a França. Alguns dias antes disso, ele me convidou para jantar

pela última vez. Recusei, decisão da qual estava muito arrependido. Nossa última comunicação foi um e-mail sobre minha edição das filmagens no Butão, que ele me enviou apenas algumas horas antes de morrer. “Não gosto da abertura de supetão, com cenas mostrando uma prévia do episódio, eu substituiria isso”, foi tudo o que ele escreveu.

O choque e o álcool efervesciam e estavam trazendo à tona muitas emoções. “O Tony me odiava”, declarei a todos que quisessem ouvir. Eu sabia que ele me mantinha por perto só porque eu trabalhava com afinco; eu estava convencido disso. Mas, como ser humano, tinha certeza de que ele me odiava. Agora, consumido pelo luto e pela negação, não tinha a capacidade de pensar sobre o que isso realmente significava.

No mundo real – aquele que fazia sentido, em que o céu estava em cima e o chão estava embaixo –, eu deveria estar me preparando para entrar em um avião e dirigir um episódio na Índia. Em vez disso, me vi em uma realidade alternativa totalmente fodida em frente ao antigo restaurante de Tony, Les Halles. Agora com as portas fechadas, a *brasserie* na Park Avenue Sul tinha se tornado um memorial improvisado, repleto de fotos, parafernália de chef de cozinha, cartas e uma mixórdia de fãs e de profissionais da indústria de restaurantes. Vendo todas aquelas coisas dispostas junto às paredes, janelas e portas da fachada do restaurante, fiquei confuso. Quem eram todas aquelas pessoas agindo como se fosse véspera de Natal e Papai Noel tivesse acabado de ser assassinado na porra de um atentado suicida?

Li um bilhete deixado por uma mulher que veio de carro do Tennessee:

Obrigada por você ser de verdade em um mundo em que todos parecem tão falsos. Odeio idolatrar pessoas “famosas” que não conheço, mas você é diferente. Eu te amo e te agradeço por me dar esperança. Obrigada por me mostrar como eu quero viver minha vida, você deu um grande exemplo para alguns de nós, os “desajustados”.

Tony era importantíssimo para quem o conhecia pessoalmente, e eu sabia que ele havia angariado uma facção militante de superfãs, mas não era possível que seu fã-clubes reunisse um número tão grande de pessoas que nunca o viram em carne e osso. Será que Tony realmente era *tão* famoso, uma figura tão amada e inspiradora em escala massiva? Se fosse verdade, será que Tony tinha noção disso? Se tinha, sem dúvida nunca demonstrou. Desde que o conheci, Tony parecia exibir um genuíno complexo de inferioridade, sob a impressão de que a atenção que ele recebia era efêmera e sujeita a desaparecer

a qualquer segundo. Surpreendido pelo tremendo jorro de pesar e tristeza, eu poderia ter sido perdoado por pensar que Tony havia sido confundido com alguma espécie de “deus da cozinha”. E talvez ele fosse mesmo um. Vi chegar um grupo de chefs de partida, ainda de uniforme, recém-saídos de seu turno de trabalho. Estavam soluçando baixinho.

No dia seguinte, peguei um táxi e fui ao aeroporto JFK para me encontrar com a equipe que retornava da França. Eu não conseguia imaginar o que eles sentiram naquela horrível manhã, quando se prepararam para trabalhar com Tony, esperando que ele chegasse a qualquer segundo, mas, em vez disso, receberam a notícia de que ele não viria. Ele nunca mais viria... Ao mesmo tempo que gostaria de ter estado lá, porque talvez pudesse ter feito alguma coisa, me sentia também grato por não ter vivenciado isso.

Nos cerca de cem programas e mil cenas que filmei com Tony ao longo dos anos, ele só deixou de aparecer em uma única ocasião. Estávamos filmando em Manila, e como na hora marcada Tony não deu as caras na locação para as gravações do dia, liguei para ele e não obtive resposta. Isso era incomum, mas não inédito. Liguei de novo cinco minutos mais tarde, e cinco minutos depois. O celular dele tocou e tocou. O telefone do quarto do hotel ele também não atendeu. Voltei às pressas para o hotel, em meio ao tráfego engarrafado e dolorosamente vagaroso de Manila, e em pânico expliquei ao pessoal da recepção que precisava entrar no quarto de Tony imediatamente. No elevador, pensei em como foi fácil convencê-los. Não me pediram documento de identidade nem qualquer evidência de que eu não era algum tipo de assassino do tipo Sirhan Sirhan,* ou Lynette “Squeaky” Fromme.** Toquei a campainha e bati com força; sem resposta. Dei um passo para trás, e o funcionário do hotel destrancou a porta. O quarto estava às escuras, as cortinas fechadas. Um feixe de luz do corredor mostrou Tony deitado imóvel em sua cama. Quando meus olhos se ajustaram ao breu, pude ver que ele estava nu, parcialmente coberto por lençóis amarrotados. Algo cheirava a leite azedo, e me convenci de que ele estava morto. Talvez tenha sido a luz ou a minha exclamação involuntária, mas Tony acordou nesse momento. Olhou diretamente para mim, piscou e, em seguida, berrou: “Dê o fora daqui, porra!”

Praticamente correndo escada abaixo, enxuguei as lágrimas do rosto e tentei controlar minha respiração entrecortada. Menos de dez minutos depois,

* Sirhan Sirhan confessou ter matado o senador Robert Kennedy em 1968. (N. T.)

** Lynette foi presa e condenada à prisão perpétua por tentar assassinar o presidente Gerald Ford em 1975. (N. T.)

Tony entrou no saguão, pronto para aparecer na tv. Ele não mencionou nada sobre o ocorrido, e eu jamais toquei no assunto. Pelo que entendi, foi basicamente assim que aconteceu na França. A diferença é que, desta vez, Tony não estava no saguão dez minutos depois.

Após uma reunião emocionada no aeroporto, todos nós voltamos para a casa de nosso diretor de fotografia de longa data, Todd, no Brooklyn, onde começamos a beber ou, mais precisamente, continuamos bebendo. Enquanto enchíamos a cara, Tony estava esperando. Ele detestava esperar, ficava furioso, pensei. Mas, dessa vez, ele estava esperando em uma gaveta refrigerada dentro de um necrotério distante enquanto sua família descobria quem era a autoridade encarregada dos trâmites para a liberação do corpo. Por fim divulgou-se a informação de que Tony seria cremado na França e um mensageiro traria suas cinzas de volta para casa nos Estados Unidos. Não haveria corpo. Não haveria funeral. Ele simplesmente... desapareceu.

Tony sempre foi fascinado pelas lendas orientais do “fantasma faminto” – um espírito preso no mundo inferior devido a uma morte trágica ou à falta de um sepultamento adequado –, e, em consonância com sua vida, em que todas as coisas aconteciam como em um livro, filme ou lenda, agora, em uma horrível reviravolta do destino, o próprio Tony se tornou um fantasma faminto.

Por fim, fui para casa dormir e me recuperar de uma ressaca do tamanho do Godzilla. Na porta, encontrei a minha mala, pronta para a viagem rumo à Índia. Foi aí que quase desmoronei. Embora a essa altura eu fosse um viajante profissional, meu hábito era esperar até a véspera da partida, quando, em um frenesi, pegava a esmo o que estivesse à mão e enfiava de qualquer jeito na bagagem. Por uma estranha ironia, dessa vez eu tinha arrumado uma mala com antecedência para uma viagem que nunca aconteceria.

Ao longo dos anos, poucas outras pessoas compartilharam ao lado de Tony mais quilômetros na estrada, ou tiveram a mesma oportunidade de conhecê-lo, temê-lo, admirá-lo, confiar nele e aprender com ele como eu. Tony era complexo; muita coisa a respeito dele tinha que ser desvendada aos poucos, prestando-se atenção, arquivando-se alguma observação improvisada ou catalogando-se algum deslize do verniz, detalhes a serem analisados e interpretados em um momento futuro. Em mais de uma década e meia, o que eu tinha aprendido? Fitando minha mala, pensei em como minha posição privilegiada e meus anos de acesso a Tony significavam também que tive outra oportunidade que pouquíssimas outras pessoas tiveram: ver os sinais de

alerta. Então, de que maneira a história acabou como acabou? O que tudo isso realmente significava? Tony costumava dizer que as perguntas eram mais importantes do que as respostas. Eu tinha muitas perguntas. As respostas, entretanto, eram escassas.

AMOSTRA

CAPÍTULO 2: PRONTOS PARA O HORÁRIO NOBRE

“Porra, você não pode sequer *respirar* uma palavra do que vou te contar”, Tony anunciou assim que me viu esperando por ele na calçada no aeroporto de Santo Domingo. Seguindo seu ritual pós-voou, ele acendeu um Marlboro vermelho, dando uma longa tragada – quase metade do cigarro – antes de continuar: “Se a notícia vazar, o negócio *todo* pode *ir pra cucuia*. Acabo de chegar de uma reunião. O negócio é tão secreto que eles me fizeram subir pela *porra* do elevador de carga. Foi sigilo total, uma parada tipo operação de espionagem!”

Tony desatou a falar enquanto seus olhos dardejavam de um lado para o outro, um olho ligeiramente maior do que o outro, o que lhe dava a aparência de um esquilo sob o efeito de anfetaminas. Era uma saudação incomum, mesmo para o previsivelmente imprevisível Anthony Bourdain.

“A gente já pode dar tchauzinho pra aqueles idiotas de merda do Travel Channel... Já era o *Sem reservas...*”, disse Tony, terminando o cigarro e jogando a guimba no chão.

Fazendo força para acompanhar, acendi um também e percebi que minhas mãos estavam tremendo.

“Porra, *parabéns*, Tom, a gente vai levar a *porra* do programa pra *porra* da CNN! *Caralho*, dá pra acreditar nisso?!”

Sete meses depois, em novembro de 2012, aterrissamos na Birmânia, ou Mianmar, dependendo da pessoa com quem você está falando, para filmar o episódio piloto do programa *Lugares desconhecidos*. É claro que a vida real nunca propicia inícios bem definidos. No mínimo, raramente os reconhecemos

como começos nítidos. Mas, olhando para trás, nossa viagem para a Birmânia parece um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar a contar esta história. Na época eu tinha 32 anos e havia passado os últimos seis deles na estrada com Tony, sendo pago para matar o tempo e viajar planeta afora comendo e bebendo. Ênfase no “bebendo”. Talvez fosse por isso que ainda não conseguia acreditar que a CNN tinha dado a Tony – um cara da contracultura, um ex-viciado em heroína na casa dos cinquenta anos e mais ou menos incontrollável – um cheque em branco para ir aonde bem quisesse e fazer basicamente o que lhe desse na telha. A ideia me parecia uma loucura, e eu era o diretor do programa. Pelos menos as ordens de nossos novos patrões da televisão eram simples: “Apenas continuem fazendo o que vocês já estão fazendo”, citando o episódio de *Sem reservas* filmado em Moçambique, uma mescla de história, cultura e personalidade, como um exemplo do que os executivos do canal esperavam que entregássemos. Mas, como Tony era Tony, não se contentaria em repetir o que tinha funcionado na semana anterior, quanto mais na temporada anterior, e muito menos no canal anterior.

Tendo passado os últimos cinquenta anos sob um opressivo regime militar, durante décadas a Birmânia esteve praticamente fechada para estrangeiros. As nossas primeiras impressões, porém, foram de que Yangon, a maior cidade do país, estava longe de ser a cápsula do tempo que me disseram que eu encontraria. Por toda parte havia mofados edifícios coloniais *art déco* da época do Império Britânico, mas a vida vibrante das ruas que transbordavam com um redemoinho de cores em nada lembrava um lugar congelado no tempo. Pedestres, veículos e monges ostentando mantos escarlates disputavam espaço com vendedores de comida, barracas de corte de cabelo nas calçadas e banquinhas de chá. Mulheres cobriam o rosto com *thanaka*, um protetor solar natural feito de pó de casca de árvore, enquanto os homens mascavam noz de bétele e cuspiam saliva vermelho-sangue na calçada. As campainhas dos carrinhos de cana-de-açúcar verde-vivos eram audíveis por cima da algazarra geral de vendedores ambulantes que anunciavam, aos berros, seus legumes e verduras, e do grunhido dos ônibus a diesel lotados de passageiros. Aninhados em um impossível emaranhado de fios elétricos pendentes, megafones acoplados aos postes telefônicos ressoavam o que parecia ser música country birmanesa. Os vocais desafinados competiam com o canto modulado que emanava de alto-falantes em muitos templos budistas e estupas douradas. O caos era quase sinfônico.

Por quase meio século, praticamente nada nem ninguém entrava ou saía da Birmânia. Desde 1962, uma junta governava a nação do Sudeste Asiático com mão de ferro, reprimindo duramente quase todas as opiniões divergentes e exercendo o poder absoluto naquela que era a ditadura militar mais longa do mundo. O governo tinha um terrível histórico de violação de direitos humanos, exploração do trabalho infantil e limpeza étnica, amordaçava a imprensa, traficava heroína e “rubis de sangue” extraídos por mineiros semiescravos e travava uma guerra civil sem-fim no norte do país. Monges, artistas, ativistas e jornalistas acabavam na prisão por conta de suas ideias dissidentes. Dizia-se que um em cada quatro birmaneses era ou agente secreto ou informante. Enquanto o governo se empenhava para assegurar a completa falta de liberdades pessoais por meio de um vasto aparato burocrático alimentado por medo, papel-carbono e máquinas de escrever, a economia entrou em colapso. O país tinha o menor índice de penetração de telefonia celular e internet – pior até que a Coreia do Norte –, e três quartos da população birmanesa não tinham nem sequer eletricidade.

Então, em 2011, algo inédito aconteceu. O general Than Shwe, que estava havia muitos anos no poder, renunciou oficialmente ao cargo de presidente, e a junta militar, temendo uma revolução ao estilo da Primavera Árabe, devolveu o país ao povo. Simples assim. Em um piscar de olhos, gerações de governo totalitário chegaram ao fim. A popularíssima ativista Aung San Suu Kyi, líder da oposição e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, foi libertada da prisão domiciliar; Obama visitou o país; sanções comerciais foram suspensas; e pela primeira vez em 49 anos a Coca-Cola começou a ser vendida nos supermercados.

Agora, graças a uma oportuna mudança para a CNN, de alguma forma seríamos o primeiro programa de TV do nosso segmento a entrar no notório reino eremita e trabalhar sem restrições. A fim de fazer jus ao que era uma raríssima história de sucesso, elaboramos uma ambiciosa lista de convidados – ex-presos políticos e defensores da democracia – para aparecer diante das câmeras. E, para nosso espanto, quase todos concordaram com entusiasmo em participar do episódio.

Entretanto, constatamos que era difícil contar com conveniências modernas, e até mesmo com as necessidades essenciais para fazer um programa de TV sobre viagens. Os transportes eram complicados e pouco confiáveis. Como a Birmânia tinha acabado de se abrir, havia muita demanda e quase nenhuma infraestrutura turística. As vagas em hotéis tinham o péssimo hábito